

## EU PREFERI FAZER UM BLUES

**CENSON, Dianine<sup>1</sup>; MUNHOSO, Daniel<sup>2</sup>; ALTMANN, Lori<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas, Bacharelado em Turismo; <sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas, Bacharelado em Turismo; <sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Antropologia e Arqueologia. dianinecenson@gmail.com

Quando em 2010 cursávamos a matéria de Antropologia II no Bacharelado em Turismo, surgiu a necessidade de uma pesquisa de campo. Como fazer para sair do óbvio e tornar essa tarefa mais interessante para nós mesmos? A ideia de trabalhar com duas bandas de rock já conhecidas por nós foi aprovada pela professora orientadora, e assim fez-se o presente exercício etnográfico.

Fizemos uma pesquisa urbana, e nos encontramos então um grande problema. Pesquisar o conhecido, o que já era do nosso cotidiano. Já frequentávamos os shows das bandas, e estávamos sempre conversando com alguns deles por meio de redes sociais na Internet, como fazer então para *estranhar o familiar*, como já discutido por Gilberto Velho?

Uma das mais tradicionais premissas das ciências sociais é a necessidade de uma *distância* mínima que garanta ao investigador condições de objetividade em seu trabalho. Afirma-se ser preciso que o pesquisador veja com olhos *imparciais* a realidade, evitando *envolvimentos* que possam obscurecer ou deformar seus julgamentos e conclusões. [...]

[...] De qualquer forma o *familiar* [...] é cada vez mais objeto relevante de investigação para uma antropologia preocupada em perceber a mudança social não apenas ao nível das grandes transformações históricas mas como resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas. (VELHO, 2008, p.122)

Decidimos fazer uma comparação entre a vida pessoal dos integrantes, e a vida conjunta que levavam na banda. Gostaríamos de mostrar seus problemas, o cotidiano de cada um, o que os levou à tocar. Além disso, era importante destacar que os músicos não vivem apenas de festas, bebidas e diversão, e que têm sim, compromissos sérios e muito trabalho a fazer.

Para realizar esse trabalho, contamos com a colaboração da Canastra Suja (Pelotas/RS) e da Valentinos (Porto Alegre/RS). Uma banda de Porto Alegre, no meio da efervescência cultural do Rio Grande do Sul (estado conhecido por sua gama de grupos e músicos do rock), e outra de Pelotas, no interior. Ambas tinham problemas parecidos para circular entre as cidades e casas de show, mas em todos os casos, colocavam esse trabalho como principal em suas vidas.

Chegamos nos nossos pesquisados com um pensamento diferente, queríamos saber como se faz música, como eles se tratavam e eram tratados. Chegamos com medo de invadir demais os limites estabelecidos e preocupados com a reação deles.

Participamos de reuniões, ensaios, preparações para shows, e noites inteiras de apresentações. Sempre tentando manter a distância necessária para o estudo, ao mesmo tempo em que éramos imersos no cotidiano deles. Entrevistas com perguntas sobre o dia-a-dia pessoal e da banda foram feitas por e-mail e pessoalmente, munidos com gravadores e câmeras fotográficas. Realizamos o trabalho de campo no período de setembro a dezembro de 2010.

Malinowski (1984, p.30) diz que “nenhum aspecto – seja o íntimo, seja o legal – deve ser menosprezado”, então era quase uma obrigação analisar as expressões faciais, as falas e a posição em que se encontravam em momentos de tensão ou descontração.

À medida que os músicos se habituavam com a nossa presença, mais liberdade nos era dada e mais material tínhamos para interpretar. Após dois meses de observação e contato pudemos ler e ouvir tudo que havíamos colhido e, aí então, percebemos o tanto de material que poderia ser acumulado em tão pouco tempo.

Tudo o que é diferente é visto com outros olhos. Nossa proposta era evidenciar que além de tocar em bandas de rock os rapazes eram pessoas normais, com família, empregos, estudos, obrigações e relacionamentos estáveis. Fazer um show à noite e acordar cedo para apresentar um trabalho na faculdade, levar a avó no hospital e pegar um ônibus para o ensaio.

Diversas vezes encontrávamos os meninos pela rua, indo para a aula, visitando um familiar, se encontrando com a namorada, saindo para jantar, e nesse meio tempo, buscando cartazes em gráficas, correndo para uma entrevista na rádio, atrasados para uma reunião a respeito de algum show ou até se envolvendo em projetos culturais paralelos.

Esse tipo de coisa tão difícil de ser compreendida pela sociedade espetáculo em que vivemos permeou toda a nossa trajetória. Aprendemos que músicos também dormem cedo, pagam contas e cozinham na hora do almoço.

Pesquisando sobre o assunto, entre uma visita e outra às bandas, lemos um texto de Jean Castilhos (2010) que destacava a visão que algumas pessoas têm desse grupo social específico e, um trecho desse texto nos dizia que: “mesmo com tudo e todos contra, cresci nesse meio e o frequento até hoje, e o admiro, pois não é apenas um estilo musical ou um estilo de se vestir, é um estilo de vida, um estilo de vida na contramão da normalidade”(p.1). Frequentando a vida dos meninos, víamos que havia muito mais do que música, eles eram além de tudo, uma família diferente, donos de sua própria casa, recebendo amigos, trabalho, e visitas a todo tempo.

Assim como nós tínhamos que realocar nosso tempo para participar dos ensaios, estarmos em pré-shows, ou fazermos as entrevistas, eles tinham problemas em arrumar meia hora para nos dar atenção. Independente da função que cada um desempenha na banda como músico, eles também são seus próprios empresários, assessores de imprensa, comunicadores, divulgadores, são responsáveis por suas artes e finanças, viajam a trabalho, e além de tudo, se dispuseram a participar do nosso estudo.

Em dados momentos éramos confidentes. Sabíamos que algo não ia bem, o que eles estavam planejando, quando aconteceria e o que eles esperavam. Em outros, éramos apenas estranhos. Certa vez ouvimos um comentário entre dois pesquisados: “[Nós somos] como bichos, sabe? Cobaias. Vamos ser observados cara!”. Mas era clara a empolgação que eles tinham por estarem participando, como se pode ver em um trecho de entrevista:

[...] Eu “tô” falando demais? Porque eu sempre quis falar assim, sabe. Não que eu ache que mereço ser entrevistado, mas sempre quis conversar essas coisas, sempre quis que alguém me ouvisse. Eu “to” curtindo um monte cara. Tu “tá” curtindo? Porque se eu tiver falando demais, me fala. Mas “tá” muito massa! [...]

É difícil para nós estabelecer uma única conclusão que esteja de acordo com as duas bandas de rock, e todos os 10 meninos analisados. Assim como qualquer membro da sociedade, eles têm suas diferenças e particularidades, de forma que nos seria antiético determinar um padrão de conduta seguido por todos. Da mesma forma que nós, dois pesquisadores, por vezes tínhamos percepções e pensamentos diferentes sobre a mesma situação, e para concluir a pesquisa de campo tivemos que trabalhar e analisar esses pensamentos heterogêneos.

Vários foram os questionamentos sobre família, mulheres, e outros assuntos polêmicos tão característicos de bandas de rock, mas mais uma vez os meninos afirmam que trabalham em conjunto para ascenderem profissionalmente, e que os problemas devem ser ultrapassados.

Certa vez indagado sobre suas mudanças de cursos na universidade, até a desistência para se dedicar somente à música, um dos integrantes nos disse: “[...] Mas é o que eu tava te falando (anteriormente), era o direcionamento errado pra vida”. Na visão dele, a vida estava tomando o caminho certo enquanto ele tocava; na visão externa era justamente o contrário. O preconceito pelas escolhas dos meninos sempre estava presente.

Preconceitos esses que podem vir de qualquer lado. Desde a própria família que não apóia a decisão, até a descrença de que eles podem vir a viver da música. Quando por acaso, contávamos a alguém de fora do nosso entorno habitual o tema do exercício etnográfico, recebíamos olhares de reprovação e pouca credibilidade.

## REFERÊNCIAS

DA MATTA, Roberto. Trabalho de Campo. In: **Relativizando**: uma introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes, 1984.

LARAIA, Roque de Barros. A cultura condiciona a visão de mundo do homem. In: **Cultura**: um conceito antropológico. 23ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. “Introdução – Tema, método e objetivo desta pesquisa”. In: Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. Prefácio de FRAZER, Sir James; Trad. Anton P. CARR e Lígia Aparecida Cardieri MENDONÇA,

revista por Eunice Ribeiro DURHAM. **Malinowski** (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1984.

QUINTANA, Mario. **Do Caderno H**. Porto Alegre: Globo, 1973.

REBATISMO na Luna Porto Design. **Diário Popular**. Pelotas, 3 dez. 2010. Caderno Tudo, p. 4.

SEQUEIRA, Camila de Souza. **A evolução do cenário independente**: uma lógica alternativa ao mercado fonográfico. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2006, Monografia final de curso (Bacharelado em Comunicação Social, habilitação Jornalismo) – Centro Universitário da Cidade, Rio de Janeiro, 2006.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: **Individualismo e cultura**: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. 8ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2008.

UNDERGROUND por Jean Castilhos. Disponível em <http://www.umcaracabeludo.blogspot.com>. Acesso em 23 de novembro de 2010.